

Diálise peritoneal empregada na reversão de quadro urêmico em cão - relato de caso.

VIEIRA, A.N.L.S.¹; RIBEIRO, J.F.A.²; TEBALDI, M.³; SIQUEIRA, E.G.M.⁴; MELCHERT, A.⁴; GUIMARÃES-OKAMOTO, P.T.C.⁴.

A Diálise Peritoneal (DP) é uma modalidade terapêutica de reposição da função renal, capaz de remover toxinas urêmicas através do peritônio, usada mais frequentemente em cães na terapia da injúria renal aguda (IRA). O objetivo deste trabalho é relatar a eficácia da DP na reversão da uremia em um cão com IRA pós ovariosalpingohisterectomia (OSH). **Relato de caso:** Foi atendido no Hospital Veterinário da UNESP- Botucatu-SP, um canino, fêmea, da raça labrador, sete anos de idade, com queixa de anorexia, paraparesia, oligodipsia, emagrecimento progressivo, êmese persistente e halito urêmico. O animal apresentava histórico de OSH há 15 dias. Após a realização de exames complementares constatou-se anemia, azotemia (ureia: 408mg/dL e creatinina:16,7mg/dL), hipoalbuminemia, hiperfosfatemia, isostenúria e discreta acidose metabólica. O exame ultrassonográfico revelou rins de tamanho normais, relação córtico-medular preservada e acentuada ecogenicidade da cortical. Mediante ao histórico, quadro clínico e exames complementares, foi diagnosticada IRA. **Resultados e Discussão:** Devido ao quadro emergencial de IRA, foi instituído o tratamento clínico, fluidoterapia sem diuréticos devido à poliúria. Após o insucesso do tratamento clínico optou-se pela realização da DP. O animal foi encaminhado para o centro cirúrgico para a implantação de cateter Tenckhoff (VET Medical*) intraperitoneal e concomitante a colocação de sonda esofágica, para suporte nutricional adequado. Após 36 horas da implantação, foi iniciada a DP. Foram realizados 19 ciclos de DP com solução de dialisato comercial à 1,5% de glicose (Fresenius Medical Care*). A taxa de infusão média foi de 35 ml/kg de dialisato, com tempo de permanência média na cavidade abdominal de 60 minutos. Obteve-se o controle da acidose metabólica, hipercalemia e do quadro emético desde a primeira sessão. A hipoalbuminemia foi corrigida através de transfusão de plasma fresco e nutrição enteral. Após o quarto dia de DP, a azotemia foi reduzida e após o sétimo dia o animal apresentou melhora do quadro clínico com valores de uréia e creatinina de 183mg/dL e 7,9 mg/dL, respectivamente. **Conclusão:** A DP é uma técnica eficaz se utilizada de maneira precoce na reversão de quadro urêmico. Melhores resultados são obtidos quando associada à terapia suporte e nutricional.

e-mail: andre.nlsv@gmail.com

1 Médico Veterinário Autônomo

2 Aluno de graduação- FMVZ-UNESP – Botucatu e Bolsista de Iniciação Científica FAPESP

3 Residente da Clínica Médica de Pequenos Animais da FMVZ – UNESP – Botucatu.

4 Residente da Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais da FMVZ – UNESP – Botucatu.

5 Professora Assistente Doutora da Clínica Médica de Pequenos Animais da UNESP – Botucatu.

Dimensões dos ventrículos laterais cerebrais de gatos domésticos por ressonância magnética.

BABICSAK, V.R.¹; KLEIN, A.V.²; INAMASSU, L.R.¹; VULCANO, L.C.¹

Diversos estudos sobre as dimensões ventriculares de gatos domésticos foram realizados, no entanto, nestes, os ventrículos foram mensurados a partir de imagens ultrassonográficas ou tomográficas. Mensurações dos ventrículos laterais cerebrais de gatos domésticos a partir de imagens de ressonância magnética não foram reportadas até o momento, segundo o conhecimento do autor. Em decorrência disso, o objetivo deste estudo foi avaliar as dimensões dos ventrículos laterais de felinos hígdidos em imagens adquiridas por ressonância

magnética. **Método/Relato de caso:** Neste estudo foi realizada a ressonância magnética encefálica de 8 gatos domésticos hígdidos, adultos, não braquicefálicos, sem histórico de sintomatologia neurológica e com resultado negativo para o vírus da imunodeficiência e da leucemia felinas no exame de reação da cadeia polimerase. Após a obtenção das imagens, a altura dos ventrículos laterais foram mensuradas na sequência T2 em plano transversal, na região de sua maior dimensão. **Resultados e discussão:** A média e a mediana da altura do ventrículo lateral direito encontradas nos felinos deste estudo foram 0,14cm. Com relação ao ventrículo lateral esquerdo, a média encontrada foi de 0,15cm, enquanto que, a mediana foi de 0,14cm. Os valores do desvio padrão da altura dos ventrículos laterais direito e esquerdo foram de 0,04cm e 0,03cm, respectivamente. As menores dimensões encontradas para os ventrículos laterais direito e esquerdo foram 0,11cm e 0,10cm, respectivamente. A altura máxima do ventrículo lateral direito foi 0,21cm, enquanto que, o valor superior encontrado dentre as dimensões do ventrículo esquerdo foi 0,20cm. **Conclusão:** Como conclusão, este estudo demonstrou que os gatos apresentam ventrículos laterais com altura média entre 0,14cm e 0,15cm. A partir dos resultados, também pode-se concluir que a presença de dimensões ventriculares maiores que 0,21cm e 0,20cm para os ventrículos laterais direito e esquerdo, respectivamente, pode indicar a existência de dilatação ventricular.

Fisioterapia no tratamento de osteoartrite em gatos - relato de caso

PASTORE, A.P.¹; MATTES, B.R.²; ARAZI, L.B.³; FRANCISCO, M.F.R.⁴; POSSI, T.G.⁵

A osteoartrite é uma moléstia comum em animais idosos de pequeno porte, caracterizada pela lesão progressiva da cartilagem articular, espessamento da cápsula articular e produção de osso periarticular novo (osteofitose), pode ser definida como “moléstia articular de lenta evolução”, caracterizada pelo desenvolvimento gradual da dor, rigidez e limitação dos movimentos. A fisioterapia nestes casos tem como finalidade, diminuir a dor, melhorar a amplitude articular, restauração e manutenção da função, mantendo e recuperando a atividade normal do animal. Nino, felino, S.R.D, macho com aproximadamente 6 anos, foi encaminhado ao serviço de fisioterapia, com queixa principal de dor, e de não apoiar o membro. Fora tratado em colegas com medicações de suporte para dor (AINES e tramadol). Ao exame físico o animal apresentava dor na articulação úmero-radio-ularn direita, crepitação articular, não apoiava o membro, e com a deambulação deficiente. Solicitou-se então, a radiografia da articulação acometida, onde esta apresentava com perda da definição da interlinha radiográfica, áreas radiotransparentes em incisura troclear da ulna, epífise proximal do rádio e côndilo umeral, discreta reação periosteal em face lateral do terço distal do úmero e face lateral do terço proximal do rádio, visibilizada pela projeção craniocaudal, irregularidade óssea em face medial do terço proximal do rádio, discreto aumento de volume de partes moles adjacentes, característica da osteoartrite. Iniciado o tratamento com sessões de fisioterapia 2 vezes na semana, com TENS, ultrassom terapêutico e laser terapêutico, e amitriptilina 0,5mg/Kg SID. o animal já apresentou melhora significativa nas primeiras sessões para dor, conforme as sessões eram realizadas o animal apresentava melhoras tanto na diminuição crepitação e melhora na deambulação. Durante 1 mês, foi realizado 2 sessões, por semana e após foi realizado sessões semanalmente. Após três meses de tratamento o animal voltou a deambular normalmente e com leve crepitação. Na radiografia controle, em projeção lateral nota-se evidente melhora no padrão radiográfico da articulação úmero-radio-ularn, apesar em algumas áreas a lise ter evoluído, mas de modo geral a articulação apresenta menos irregularidades (osteofitos

periarticulares), já na projeção crânio caudal percebe-se estabilidade do padrão. Podemos concluir que a fisioterapia foi eficaz no controle da dor, na melhora da deambulação e na estabilização da injúria articular.

*E-mail: desssa_vet@hotmail.com

mv.andressapastore@gmail.com

1. Médica Veterinária Autônoma, Hospital Veterinário Quatro Patas, serviço de reabilitação animal.
2. Médica Veterinária Autônoma, Hospital Veterinário quatro Patas, serviço de medicina felina.
3. Médica Veterinária Autônoma, medicina felina.
4. Graduando de Medicina Veterinária - Universidade Anhanguera-SP
5. Graduanda de Medicina Veterinária - Universidade FMU-SP

Tumor maligno da bainha de nervo periférico em felino – relato de caso.

MATTES, B.R.¹; PASTORE, A.P.²; ARAZI, L.B.³; FRANCISCO, M.F.R.⁴; POSSI, T.G.⁵.

Os tumores malignos dos nervos periféricos ocorrem com pouca frequência em animais domésticos e pertencem a um grupo heterogêneo de neoplasias malignas da bainha neural periférica, as quais são originárias das células que circundam os axônios dos nervos periféricos ou raízes nervosas. Ao exame clínico, observa-se um aumento de volume na região afetada, com sinais neurológicos presentes ou não. Os sintomas podem resultar em dor, claudicação e atrofia muscular. A radiografia simples da coluna vertebral, análise de líquido, e mielografia são essenciais nos casos em que há o envolvimento da medula espinhal, assim como exploração cirúrgica para biópsia. O tratamento é restrito à terapia cirúrgica, envolvendo a amputação e ressecção do plexo envolvido e a laminectomia ou hemilaminectomia para remoção da raiz do nervo. Uma gata, sem raça definida de aproximadamente 3 anos foi encaminhada ao serviço de Medicina Felina em 2012 apresentando um quadro clínico de paresia de membros pélvicos, atrofia muscular, dor a palpação e aumento de volume em região lombar e ausência de dor superficial e profunda. Mediante a isso, foi solicitado exame radiográfico simples da coluna lombar, no qual, foi observado um processo lítico de corpos e forâmens vertebrais e processos articulares de L4 a L6 e processo transversos de L5 com aumento de volume de partes moles adjacentes às regiões. Após o resultado radiográfico, foi efetuado o procedimento de biópsia incisional da formação que revelou um neoplasma maligno de células fusiformes, com osteólise multifocal e exudato supurativo brando. O material da biópsia foi enviado para imunohistoquímica, onde foi concluído o diagnóstico de tumor maligno da bainha de nervo periférico (Schwannoma Maligno). As células neoplásicas imunoeexpressaram Vimetina e S100 e não expressaram Desmina, 1A4, Miogenina, AE1/AE3, HNF35 e GFAP. Outros exames de rotina como hemograma completo e perfil renal e hepático também foram realizados, porém com valores dentro dos parâmetros de normalidade. O animal foi eutanasiado a pedido do tutor e encaminhado para necropsia, na qual apresentou uma proliferação neoplásica histologicamente identificada como neurofibrossarcoma, localizada de forma infiltrativa e expansiva envolvendo as últimas quatro vértebras lombares e notou-se também focos de metástase em lobo pulmonar caudal esquerdo. Concluiu-se que é um caso clássico e raro de tumor da bainha de nervo periférico. O prognóstico varia de reservado a ruim e o diagnóstico tardio dificulta o êxito do tratamento.

* E-mail: beatrizmattes@gmail.com

1. Médica Veterinária Autônoma, Hospital Veterinário Quatro Patas, serviço de medicina felina.
2. Médica Veterinária Autônoma, Hospital Veterinário Quatro Patas, serviço de reabilitação animal.
3. Médica Veterinária Autônoma, medicina felina.

4. Graduando de Medicina Veterinária - Universidade Anhanguera-SP.

5. Graduanda de Medicina Veterinária - Universidade FMU-SP

Uso da homeopatia em um surto endêmico de panleucopenia felina – relato de caso.

MATTES, B.R.¹; ARAZI, L.B.²; FRANCISCO, M.F.R.³; POSSI, T.G.⁴; MAGI, A.⁵

Panleucopenia felina é uma grave doença infecciosa, causada pelo parvovírus felino (PVF) que atinge preferencialmente intestinos, tecido hematopoético e cerebelo. Com um período de incubação de 2 a 10 dias, as manifestações clínicas são febre alta, protusão de terceira pálpebra, depressão, anorexia, emese e diarreia, sendo que na forma hiperaguda pode ocorrer coma e morte súbita, antes da detecção dos sinais típicos. O diagnóstico é feito pelo exame clínico e achados laboratoriais que incluem leucopenia severa e pela pesquisa do parvovírus nas fezes. A transmissão se dá por via direta, por contato oro-faríngeo com o vírus, que está presente na maioria das secreções corpóreas e por via indireta através de fômites. O tratamento é de suporte, para restaurar o balanço hídrico e eletrolítico, propiciar recuperação do epitélio intestinal e prevenir infecções secundárias. O prognóstico é reservado com uma mortalidade de aproximadamente 90% em animais jovens. Dezoito animais de um abrigo de gatos foram infectados e apresentaram sintomatologia de panleucopenia felina, como febre, emese, apatia, desidratação e úlceras em cavidade oral. Tiveram o diagnóstico confirmado por hemograma, o qual revelou leucopenia severa, impossibilitando a contagem diferencial de células e pela pesquisa do parvovírus nas fezes por ELISA. Iniciou-se o tratamento sintomático com fluidoterapia e antibioticoterapia, além de antieméticos e suporte nutricional. Já no primeiro dia foi instituído o tratamento homeopático com Baptisia D4 a cada 2 horas em todos os animais. Os animais assintomáticos que estavam no mesmo ambiente receberam tratamento através da água sendo trocada 2x ao dia. De um total de 18 animais sintomáticos, 8 sobreviveram e 10 vieram a óbito, o que nos dá uma sobrevivência de 44% dos animais. Comparando com os dados de literatura, onde era esperado 90% de óbito, concluiu-se que o uso da homeopatia foi eficaz e reduziu o índice de mortalidade proporcional da doença.

* E-mail: beatrizmattes@gmail.com

1. Médica Veterinária Autônoma, Hospital Veterinário Quatro Patas, serviço de medicina felina.
2. Médica Veterinária Autônoma, serviço de medicina felina.
3. Graduando de Medicina Veterinária - Universidade Anhanguera-SP
4. Graduanda de Medicina Veterinária - Universidade FMU-SP
5. Graduanda de medicina veterinária - Universidade de São Paulo (FMVZ-USP)

Uso da homeopatia em um surto endêmico de panleucopenia felina – relato de caso.

MATTES, B.R.¹; ARAZI, L.B.²; FRANCISCO, M.F.R.³; POSSI, T.G.⁴; MAGI, A.⁵

Panleucopenia felina é uma grave doença infecciosa, causada pelo parvovírus felino (PVF) que atinge preferencialmente intestinos, tecido hematopoético e cerebelo. Com um período de incubação de 2 a 10 dias, as manifestações clínicas são febre alta, protusão de terceira pálpebra, depressão, anorexia, emese e diarreia, sendo que na forma hiperaguda pode ocorrer coma e morte súbita, antes da detecção dos sinais típicos. O diagnóstico é feito pelo exame clínico e achados laboratoriais que incluem leucopenia severa e pela pesquisa do parvovírus nas fezes. A transmissão se dá por via direta, por contato oro-faríngeo com o vírus, que está presente na maioria das secreções